

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº12 JULHO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

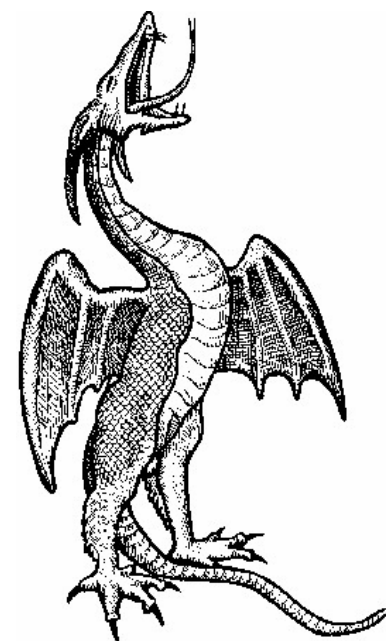
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

12



A ERUDIÇÃO EXCEPCIONAL EM FOUCAULT

BERENICE COSTA TOURINHO



Berenice Costa Tourinho

Professora de Sociologia

kang@netlig.com.br

A ERUDIÇÃO EXCEPCIONAL EM FOUCAULT

Foucault não nos dá teoria, não produz tese, quando muito hipóteses destinadas a uma verificação. (François Ewald)

A principal preocupação de quem quer comunicar uma idéia – que privilegia o campo científico – como dizia Bourdieu, lugar onde: “(...) o que está em jogo especificamente (...) é o monopólio da atividade científica, (...) monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente(...)” (Bourdier, 1994), gira em torno destas principais questões referendadas pelo discurso cientificista: quem me autoriza a falar sobre isso? Quais serão as melhores referências a dar autoridade para argumentar sobre essa ou àquela idéia? Qual corrente teórica é mais apropriada? Acredito que essa seja uma preocupação primeira sempre que surge uma idéia a ser desenvolvida como trabalho acadêmico. Seria cômodo ficar em algum “fichamento” ou em raras incursões variantes sobre a tese principal. Porém, Foucault nos convida a ousar além dos paradigmas cristalizados e sagrados dos cânones do discurso científicos: “discurso sem referência” (EWALD, François, 1993), atrever-se a aceitar o seu convite de “lê-lo segundo o princípio da caixa de ferramentas” (EWALD, François, 1993)

Com a alegria em descobrir a possibilidade liberdade, ao escrever, do “fardo das grandes verdades” (EWALD, François, 1993) e apostando que esta reflexão se configure num exercício de uma de sus propostas: “desembaraçar-nos desta espécie de preliminares. Se temos algo a dizer, dizemo-lo; sem termos de perguntar se alguma vez teremos, o direito de o dizer” (EWALD, François, 1993).

Uma idéia particularmente chama atenção: Foucault não define a priori nenhum método específico de investigação, embora seu trabalho revele, num bombástico conjunto de informações, a atividade de um investigador minucioso e subterrâneo, que não deseja se projetar através da construção de grandes resultados, mas que quer revelar-se por construtos intelectuais e assim projetar um novo saber. Isso é o que interessa.

Se Foucault não utiliza, ou melhor se se recusa a utilizar um dos métodos de pesquisa comumente aceito no mundo científico:

- O que lhe dá a **consistência** incontestável de contudo?
- Como ele consegue criar **força impactante** na informação que comunica?
- De que **forma** ou em que **forma** ele organiza logicamente as informações que garimpou?
- Como ele **amalgamou o sentido** que permeia todo o conteúdo organizado?
- Como, trabalhando as muitas informações minuciosas de um cotidiano passado, ele “faz” a “historia do presente”? (Ewald, 1980)

- De onde vem **o poder** de envolvimento e cumplicidade provocado pelo seu discurso?
- Por que o 'meio científico' lhe cobra constantemente a **definição objetiva** do traçado percorrido pela investigação?
- O que instrumentaliza Foucault de modo que ele consegue "**transgredir as áreas do conhecimento**"? O percorrer de forma transversal da história para a psicologia, desta para a linguagem, etc.?
- Como ele tece o que é comum a todos esses campos do conhecimento.

Uma suspeita nos acode. Foucault tem "alma" de artista-artesão que, desempenhando o papel do arlequim; brinca com as malhas do poder que o retém, provocando o riso ou o ciso do rei. Daí o desabafo de Clavel: "na sua obra ele entretém-se" (Ewald: 1980, 20).

Foucault faz uso contínuo de tudo que descobre, usa as próprias ferramentas que cria para se esquivar das malhas do poder e assim ele vai aperfeiçoando as ferramentas em cada obra que escreve.

O que o torna mais solto para criar é a descoberta da operacionalização do poder e o uso contínuo, que desta descoberta faz, no decorrer do seu trabalho.

Ao criar, é um artesão que consegue fazer com que cada parágrafo possa falar por si mesmo, assim é em Vigiar e Punir. Como cada ponto dado à trama, falasse por si mesmo do todo. É por isso que nos encontramos em seu texto.

Nos vem à lembrança a fábula de Esôpo "O leão e o ratinho". E usando esta fábula, metaforicamente se descobre o porquê da esQUIVA de Foucault ser sempre uma resposta aos intelectuais que dele cobravam uma definição de método e mesmo de postura científica.

O leão representa o poder intelectual que se debate, preso na própria rede que julga poder destruir. E quanto mais se debate, quanto mais acredita que possa se libertar, mais preso fica. Porque o poder produz.

Foucault desempenha o papel de ratinha, revela que não é se debatendo contra uma possível origem do poder, rugindo alto contra ele, lutando como se o poder tivesse uma essência própria, como se emanasse de um único ponto; demonstra sim, que é roendo os pequenos nós da trama que tecem a rede — mantendo a malha do poder coesa — que é possível afrouxar o todo e alongar o espaço para a fuga no sentido da liberdade.

Embora Foucault não proponha ou fale dessa "liberdade", em ao menos julgue se ela seria necessária, a mantém velada em seu discurso como uma possibilidade, preservando assim a nossa capacidade de interpretá-la e decidir. Recusa-se a portador da verdade.

Essa postura de Foucault pode representar um belo presente. Preservando-nos de sua capacidade criadora, nos atribui a responsabilidade de pensar e criar, recusando-se a ser mais um "ponto de referência", cozido na trama do poder, como verdade a aprisionar.

François Ewald referindo-se a Vigiar e Punir diz: "Discurso feito de referências ou discurso sem referência, é coisa que se afigura pouco clara e de pouca importância afinal: uma questão de **Estilo**, de **Técnica de Escrita**, de pura **Forma**. Prestemos homenagem a Foucault ao mesmo tempo pela sua Erudição, pela clareza de seu **Estilo**, o seu **Domínio** dos documentos, e avancemos" (Ewald: 1980, 20-21).

Discordamos da afirmativa de que “discurso de referência ou discurso sem referência é coisa que se afigura pouco clara e de *pouca importância* afinal ...”, pois o modo como Foucault utiliza a “referência” aliada à erudição para organizar o conteúdo — do que ele vai descobrir no minucioso ‘fuçar’ de documentos do passado — é de fundamental importância constitutiva de seu discurso, aqui está a engrenagem essencial do discurso foucaultiniano e resposta às perguntas que anteriormente apresento como inquietação deste trabalho.

Foucault não só muda a perspectiva de como ver as coisas, mas essa mudança implica também em como organizar e como comunicar coerentemente o produto que a leitura dessa nova perspectiva provoca.

É essa nova leitura, implica um novo instrumento que possibilite executá-la, organizá-la e comunicá-la que se configura, à nossa maneira de ver, na “inauguração de uma perspectiva nova” (Ewald: 1980, 19)

Sendo Maia, no ponto de vista adotado pela analítica do poder há uma “perspectiva eminentemente descritiva”... (Maia: 1995, 84). Em outro momento Maia observa sobre o estilo de trabalho de Foucault: “... demarca certos domínios — p. ex., medicina, práticas punitivas, emergências das ciências humanas no séc. XVIII e XIX — , submetendo-os a um minudente exame, à luz de uma *Erudição Excepcional*, privilegiando sempre os **dados empíricos** obtidos em sua pesquisa de **natureza histórico-filosóficas**. (...)” (grifo nosso).

O poder do discurso de Foucault é algo que se apresenta como aparentemente incontestável. O primeiro livro de Foucault que nos caiu às mãos ‘As palavras e as coisas, causou-nos profunda irritação; não havia introdução, apenas um prefácio de metáforas que provocava sensação da estrada que “sai de algum lugar para lugar nenhum”. Mas, o texto demonstrou-se cativante. Como se nos obrigasse a construir junto a quem escreve, as idéias a serem comunicadas.

Acreditamos que a ordenação estrutural do texto de Foucault encerra em si mesma, como o próprio instrumento por ele criado, o seu método, que desmantela o poder do discurso formal e detém, ao mesmo tempo outra forma capaz de organizar as informações encontradas e desmascara-las, na sua própria estrutura de poder.

O seu método de trabalho tem força de comunicação na lógica formal da linguagem adotada em seu discurso.

Foucault é também filósofo de formação. Conhece e estuda a palavra. Sabe como lidar com ela. Sabe como usar a constituição formal das palavras para construir as idéias. Percebe a dinâmica de mudança que sofre no tempo e no espaço, tornando-se poder e criando coisas.

Por isso foi acusado de “entreter-se” em sua última obra. Tomaria isso como elogio. Ora uma das tarefas preferidas dos filósofos é o prazer de “entreter-se” com palavras e isso produz conhecimento não utilitarista.

O filósofo está imbuído de descobrir como as coisas são, como funcionam. Não está preocupado em tornar útil o conhecimento, em apontar aproveitabilidades. Foucault não foge a esse exercício, inclusive negando-se a ser referência. Pensamos ser esta uma postura relevante do seu trabalho.

Coisa interessante, Maia observa que há no estudo da noção de poder em Foucault “deslocamentos” que são “modificações e diferenciações expostas e explícitas ao longo de suas investigações: o poder disciplinar, o bio-poder e a governabilidade” (Maia, p. 84).

Em outro momento deste trabalho Maia afirma: “... que talvez este deslocamento seja quase um corolário da forma de Foucault trabalhar. Durante toda sua carreira ficou claro em estilo onde a pesquisa, como os conseqüentes desdobramentos teóricos, avança ao sabor do material empíricas trabalhado, animadas por uma infatigável curiosidade(...)”(Maia, 92-93)

E ainda, “... no trabalho de Foucault não há uma intuição primeira que o analista procura comprovar através dos exemplos oriundos de sua interpretação histórica”.(...) (Maia, 93)

Não há metodologia pré-estabelecida que oriente o caminho da pesquisa. Não há prognóstico a ser esperado, hipótese pré-determinada a ser comprovada ou refutada. No caso do trabalho de Foucault não se pode falar mesmo em metodologia na acepção do mundo científico.

Então, como se compõe à sistematização lógica de suas idéias, se não há arcabouço de ordenação de conteúdo pré-determinado? O seu método é o domínio da linguagem, bem articulada na escrita e na fala, o que inaugura o estilo de produção de conhecimento com uma força de comunicação envolvente e forte.

O que dizer do uso das metáforas, a implicação do resultado simbólico que elas podem construir? Não é qualquer um que sabe usar as metáforas como constructos dinâmicos da língua. Estas aparecem profusamente, principalmente quando a estrutura formal da linguagem se esgota para dar conta do novo. Do novo a ser revelado.

Assim se entende a metáfora muito mais do que um recurso de linguagem. A metáfora está intimamente ligada ao contexto de organização da frase. Foucault a usa com maestria.

Não se quer com isso dizer que o mérito do trabalho de Foucault reside no hábil uso da palavra – como um silogismo e seus possíveis aforismos – mas desconfiar que esta estabilidade seja a estrutura formal do seu método de investigação. Como aborda Meksenas, interpretando Piaget, “... o ponto de partida da confirmação do real pelo desenvolvimento da atividade cognitiva não é, obviamente, a linguagem, mas a experiência do indivíduo no mundo: a sua práxis”. (Meksenas: 1994, 33)

Não estamos aqui defendendo a tese, do estruturalismo lingüístico, na qual “a linguagem orienta o novo modo de pensar” (Meksenas, 32). Mas, acreditando como Foucault que esta linguagem, como uma das estruturas formais sobre a qual o poder se apresenta, também produz. Daí atribuímos a “erudição excepcional” de Foucault o poder de método no seu trabalho.

Encerramos parcialmente esta inquietação, cumprindo advertir que este arrazoado ousa compartilhar a suspeita que pode estar seguindo uma falsa pista, por talvez se constituir numa falsa questão. Mas esse é o preço de aceitar o convite de Foucault.

E finalmente as palavras de Foucault acodem “ ... mas eu não sou de forma alguma dessa espécie de filósofo que formula ou quer formular um discurso de verdade sobre uma ciência qualquer. (...)” (Foucault: 1979, 154).

Referência Bibliográfica

- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. in: Renato Ortiz (Org.). **Sociologia**, São Paulo, Ática, 1994.
- CORBISIER, Roland. **Enciclopédia Filosófica**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- EWALD, François. Anatomia e corpos políticos. In: Foucault – **As Normas e o Direito**. Lisboa, Veja, 1993.
- _____. **Foucault, Um Pensamento Inconfesso**. In: Os deuses na cozinha. Lisboa, Arcádia, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. **Vigiar e Punir – Historia da Violência nas Prisões**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GADOTTI, M. A dialética: concepção e método. In: **Concepção Dialética da Educação – Um Estudo Introdutório**. São Paulo, Cortez, 1986.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: Michel Foucault. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo Social**; Revista de Sociologia, USP, São Paulo, 7(1-2):83-103, outubro, 1995.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociedade, Filosofia e Educação**. São Paulo, Loyola, 1994.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A ORDEM DO DISCURSO

Michel Foucault
Loyola

RESUMO: A aula inaugural, que Foucault pronunciou ao assumir a cátedra vacante no College de France pela morte de Hyppolite, pode ser considerada um texto de ligação entre suas obras, datadas dos anos 60, como História da Loucura, As Palavras e as Coisas, e Arqueologia do Saber, centradas predominantemente na análise das condições de possibilidade das ciências humanas, e as coisas que seguiram a maio de 68, como Vigiar e Punir, voltadas ao exame da microfísica do poder. Foucault desvenda a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam. Segundo o autor, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros. Na segunda parte do texto, Foucault anuncia a direção que prosseguirá suas investigações no decorrer dos cursos no College de France apontando para o que chama de conjunto crítico e conjunto genealógico.

SUMÁRIO: Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

Áreas de interesse: Filosofia, Análise do Discurso, Linguística, Política.

Palavras-chave: Filosofia, Estrutura Social, Sociologia, Análise do Discurso.